



## ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS NO BLOG DO SAKAMOTO: a ironia como marca argumentativa do sujeito falante

Tamires Santana Peixoto<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar como a ironia aparece como marca argumentativa no Blog do Sakamoto. Para investigar o tema, o objeto da nossa análise será duas reportagens feitas por Leonardo Sakamoto a respeito da violência contra a mulher, especificamente a polêmica gerada em torno do tema da redação do Enem 2015 sobre a “persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira” e a repercussão dos comentários nas redes sociais feitos após a aparição da garota Valentina de 12 anos, no programa televisivo *Masterchef Júnior*, exibido em outubro de 2015. Serão investigadas as instâncias sociais e discursivas do sujeito Leonardo Sakamoto, as quais legitimam e tornam o Blog do Sakamoto um espaço alternativo ao discurso hegemônico da mídia tradicional, trazendo temas que nem sempre estão pautados nos principais meios de comunicação, ou, se estão, são abordados ainda tendo como base o mito da objetividade e neutralidade. No âmbito das análises, examinamos marcas lexicais que caracterizam o discurso irônico do sujeito falante e constitui-se como elemento de diferenciação nos textos de Sakamoto. Como fundamentação teórica, recorro a algumas categorias discursivas cunhadas pela Teoria Semiolinguística, de Patrick Charaudeau (2005; 2008), como os sujeitos da linguagem e os modos de organização do discurso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Argumentação; Ironia; Blog; Semiolinguística.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em outubro de 2015, a TV Bandeirantes estreou o programa *Masterchef Júnior* com a participação de 12 crianças que foram avaliadas pelo desempenho culinário. Durante a com conotações sexuais no *twitter*. Um dos tuítes dizia: “sobre essa Valentina, se tiver consenso, é pedofilia?”, outro perfil postou: “a culpa da pedofilia é essa molecada gostosa”. Em meio ao conteúdo que se espalhou pelas redes sociais sobre Valentina, a fundadora do Coletivo *Think* e vítima de assédio sexual na infância, Juliana de Faria, criou a campanha #primeiroassedio nas redes sociais, que incentivava mulheres a fazerem relatos sobre experiências de assédio que vivenciaram. Em um dia, a campanha alcançou mais de 50 mil tuítes.

Em outubro de 2015, o Exame Nacional de Ensino Médio (Enem) trouxe como tema de

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Cultura, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb), sob orientação do professor dr. Luiz Otávio de Magalhães. Pós-graduanda na especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa.



redação “a persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”. Nos jornais, professores se manifestaram de maneira favorável ao tema, considerado pertinente e atual. Já nas redes sociais, o tema gerou polêmica entre os alunos. Um dos participantes afirmou ao G1 Maranhão que a “redação foi totalmente tendenciosa, não trazia nenhum conhecimento histórico, não trazia um conhecimento da realidade do nosso país”. Outros consideraram o tema fácil, como a estudante Ane Caroline Almeida, que disse ao G1 que o assunto “sempre sai nos jornais, várias matérias falaram sobre isso”.

Diante desses fatos que provocaram grande repercussão na mídia e nas redes sociais, Leonardo Sakamoto escreveu em seu blog duas matérias consecutivas sobre os casos. Porém, diferentemente dos veículos tradicionais, o jornalista utilizou de outras estratégias discursivas para discorrer sobre os temas. As matérias selecionadas foram: 1) Enem: Tem vergonha de fazer cocô em público. Mas aceita violência de gênero; 2) Libertar-se do papel de macho-idiota ou ser vetor do sofrimento alheio? A partir desse *corpus*, serão analisadas marcas lexicais de ironia para definir a posição de Sakamoto diante das duas polêmicas.

## **ARGUMENTAÇÃO COMO ESCOLHA DISCURSIVA**

A primeira divergência de abordagem entre a mídia tradicional e o Blog do Sakamoto está na escolha do modo de organização do discurso. Para abordar os fatos, os meios de comunicação utilizam o modo narrativo, que exige habilidade em contar algo com uma intencionalidade para um destinatário, dentro de um contexto que dê sentido à narrativa, enquanto Sakamoto utiliza a argumentação em seus dois textos. O modo de organização narrativo refere-se à atividade da linguagem que leva em conta a experiência humana, através do pensamento. Já a argumentação propõe uma atividade reflexiva, o sujeito que argumenta pretende persuadir, pela convicção naquilo que fala, o seu interlocutor (CHARAUDEAU, 2008).

A escolha de Sakamoto implica em um discurso que provoca questionamento para seu leitor. O jornalista enquadra-se em um sujeito engajado que desenvolve um raciocínio a respeito de sua convicção para tentar estabelecer uma verdade a outro sujeito, que é o alvo da sua argumentação (CHARAUDEAU, 2008).

Para Charaudeau (2008), a diferença entre os modos de organização narrativo e

argumentativo está na nulidade ou não da asserção. Em uma narração pode-se afirmar que ela é falsa ou inventada, mas não nula, enquanto que a argumentação pode ser contestada e anulada em seu fundamento. Isso acontece porque a argumentação envolve a capacidade do sujeito argumentante de tentar estabelecer uma verdade a um outro sujeito. Daí decorre, como dito por Charaudeau (2008, p. 205), uma relação triangular, que engloba o sujeito falante, uma proposta sobre o mundo e um sujeito-alvo:

Para que haja argumentação é necessário que exista: uma proposta sobre o mundo que provoque um questionamento, em alguém, quanto à sua legitimidade (um questionamento quanto à legitimidade da proposta); um sujeito que se engaje em relação a esse questionamento (convicção) e desenvolva um raciocínio para tentar estabelecer uma verdade (quer seja própria ou universal, quer se trate de uma simples aceitabilidade ou de uma legitimidade) quanto a essa proposta; um outro sujeito que, relacionado com a mesma proposta, questionamento e verdade, constitui-se no alvo da argumentação. Trata-se da pessoa a que se dirige o sujeito que argumenta, na esperança de conduzi-la a compartilhar da mesma verdade (persuasão), sabendo que ela pode aceitar (ficar a favor) ou refutar (ficar contra) a argumentação.

Portanto, a base da argumentação não está nas categorias da língua, como a análise de orações subordinadas, mas no modo de organização do discurso. O que significa que fazer uma análise do ponto de vista do modo de organização argumentativo requer a observação dos componentes e procedimentos do discurso argumentativo, “cujas combinações podem ser vistas em funcionamento dentro de qualquer texto em particular” (CHARAUDEAU, 2008, p. 203).

Esses componentes e procedimentos podem estar na ordem do implícito e, nesses casos, cabe ao analista do discurso perceber os significados acobertados pelos enunciados que aparentemente são apenas sequências de frases. Outra característica que fundamenta um texto argumentativo é a refutação, utilizada para demonstrar que uma tese é falsa. Refutar é diferente de negar; a refutação não se preocupa em apenas negar uma assertiva, ela coloca essa assertiva em xeque e a explica através de um posicionamento contrário. Sendo assim, uma argumentação é utilizada para tentar modificar o pensamento do interlocutor, ou, ao menos, fazê-lo refletir sobre um novo ponto de vista.

Charaudeau (2008) explica que a argumentação do sujeito falante passa por dois processos. O primeiro deles é a busca da racionalidade. Nessa etapa, o enunciador expõe sua explicação de fenômenos universais através do “ideal de verdade”. Esse “ideal” pode ser compreendido como a junção de experiências individuais e sociais que determinarão as operações de pensamento,

formando o universo discursivo da explicação. Já a “verdade” aproxima-se do verossímil, ou seja, apoia-se nas representações socioculturais que os indivíduos partilham entre si para compor seus conhecimentos. Para Charaudeau (2008, p. 206), “o sujeito argumentante, apesar da consciência da relatividade da verdade, continua a fazer o jogo do verdadeiro e da universalidade das explicações, e isso porque seu engajamento em face dessa verdade depende do olhar de um outro”.

O segundo procedimento da argumentação é a influência, pelo qual, por meio de estratégias de persuasão, procura-se compartilhar o discurso com o outro até que ele seja convencido a partilhar das mesmas propostas que o enunciador, tornando-se co-enunciador do universo discursivo. Charaudeau (2008) chama a atenção para a ambiguidade dessa segunda busca, que pode ser obtida pela argumentação, mas também por processos de sedução presentes na narração e descrição. Por isso, é preciso notar que a função da argumentação, diferente das demais, é “permitir a construção de explicações sobre asserções feitas acerca do mundo (quer essas asserções tratem de experiências ou de conhecimento) numa dupla perspectiva de razão demonstrativa e razão persuasiva” (Charaudeau, 2008, p. 207). Já a razão demonstrativa consiste nas relações de causalidade entre as asserções, ou seja, nas inter-relações que organizam os sentidos de uma assertiva com a outra. Já a persuasiva refere-se à busca de provas contidas no argumento para estabelecer propostas sobre o mundo.

Dito isso, discorro a seguir sobre três dispositivos argumentativos apresentados por Charaudeau (2008). O primeiro deles é o conceito de *proposta*. O processo argumentativo origina-se na sucessão de asserções que darão origem a uma proposta. Ela é apenas uma parte da argumentação; para que se torne uma *proposição*, o sujeito argumentante tem de tomar uma posição em relação à verdade, que pode ser dele ou de outrem (desde que ele tome parte desse fato). Com isso, compreende-se a *proposição* como um dispositivo argumentativo que define a posição do sujeito em relação ao mundo. Porém, para que ele consiga desenvolvê-la é preciso que o sujeito argumentante diga o porquê está de acordo ou não com a proposta e esse dispositivo argumentativo parte da *persuasão*.

Esses três dispositivos argumentativos auxiliam o analista do discurso a observar, nas asserções, as estratégias linguístico-discursivas usadas pelo sujeito falante. Uma estratégia que também faz parte da argumentação é a ironia. O discurso irônico, segundo Passetti (1999), opera com enunciados que revelam a superposição de dois enunciados na organização de sua estrutura

argumentativa. Dessa forma, a ironia é um recurso utilizado pela linguagem para se evidenciar a presença do Outro<sup>2</sup> no discurso. Para Castro (1997, p. 137), o texto irônico “questiona a realidade, desfaz verdades e raciocínios, dessacraliza valores instituídos e desvela uma outra face de mundo”.

Maingueneau (1993, p. 98) acrescenta que “a ironia subverte a fronteira entre o que é assumido e o que não o é pelo locutor”, cabendo ao destinatário interpretar a posição irônica do enunciado. O autor ainda ressalta que para facilitar esse processo interpretativo, muitas vezes, o autor utiliza-se de marcadores textuais, como aspas e negrito, para evidenciar a ironia. Na concepção de Ducrot (1987), na ironia, o locutor se responsabiliza pelas palavras, mas não pode se encarregar pelos múltiplos sentidos que aquele recurso é capaz de assumir.

Além dessas concepções, é preciso destacar que o discurso irônico não se restringe ao conceito de contrário. Segundo Passeti (1999, p.17), três elementos caracterizam a ironia: a analogia, a argumentação indireta e os “sinais” emitidos pelo enunciador. “O texto irônico se constitui como simulador porque sinaliza para o leitor essa ambiguidade. Com isso, entende-se que a contradição da ironia é uma contradição de valores argumentativos.” Portanto, a ironia pode ser considerada uma orientação argumentativa pautada no implícito, ou seja, o não dito do enunciado.

## **ENTRE O FAZER E O DIZER: OS SUJEITOS DA LINGUAGEM NA PERSPECTIVA DA SEMIOLINGUÍSTICA**

Para a Teoria Semiociológica, o ato de linguagem é um processo de troca comunicativa entre os protagonistas. Segundo Charaudeau (2008, p. 48), os protagonistas são

os intra-locutores, os sujeitos de fala, responsáveis pelo ato de enunciação – os quais chamamos de (sujeito) enunciador e (sujeito) destinatário. E embora haja uma relação de condição entre esses dois tipos de sujeitos, não há entre eles uma relação de transparência absoluta.

Neste processo de troca entre os protagonistas existem princípios que fundamentam os atos de linguagem, são eles: princípio da alteridade, princípio da pertinência, princípio da influência e princípio da regulação. Para este artigo, resalto os princípios da alteridade e da influência.

O princípio da alteridade diz que, no fenômeno de troca entre os protagonistas, há

---

<sup>2</sup> Esse “Outro” com a inicial maiúscula refere-se, como apontado por Authier-Revuz (1982), à heterogeneidade discursiva, segundo a qual, em um mesmo discurso estão presentes diversos outros discursos, seja uma presença detectável do Outro, na heterogeneidade mostrada, seja no discurso dominado pelo interdiscurso, na heterogeneidade constitutiva.

um duplo reconhecimento: a identificação e a diferença. Os sujeitos compartilham conhecimentos para que aquela troca possa ser efetuada, mas também apresentam singularidades na medida em que cada um imprime sua particularidade no ato da linguagem: “cada um dos parceiros está engajado num processo recíproco (mas não simétrico) de reconhecimento do outro, numa interação que o legitima enquanto tal - o que é uma condição para que o ato de linguagem seja considerado válido” (Charaudeau, 2005).

De acordo com Charaudeau (2005), ao tratar do princípio de influência, os sujeitos visam alcançar o outro através do ato de linguagem, ou seja, estão envolvidos os conhecimentos que os protagonistas possuem daquele fenômeno da linguagem do qual eles participam. Em um ato de linguagem, os sujeitos, tanto o emissor com o receptor, serão atingidos, podendo variar a reação causada em um deles após a influência - uma ação imediata ou um pensamento discordante, por exemplo.

Esses princípios fazem parte de um outro princípio maior, o de transação. Definido por Charaudeau (2005) como “o processo que faz deste ‘mundo significado’ um objeto de troca com um outro sujeito que desempenha o destinatário deste objeto”. Portanto, os sujeitos envolvidos em um ato de linguagem, ao partilharem saberes, dão ao mundo um significado. Junto com o princípio de transação, age o princípio de transformação, “que, partindo de um ‘mundo a significar’, o transforma em ‘mundo significado’ sob a ação de um sujeito falante” (Charaudeau, 2005). Esse duplo processo possibilita a construção de sentidos entre os sujeitos, tendo a língua como materialidade.

Mas, para entender como os sujeitos estão configurados no ato de linguagem, é preciso destacar os papéis dos emissores e receptores dentro do discurso. A primeira observação de Charaudeau diz respeito aos processos de produção e interpretação, dentre os quais estão envolvidos, de um lado, os sujeitos comunicante e enunciador, e, do outro lado, os sujeitos interpretante e destinatário. Esses sujeitos estão designados por Charaudeau (2008) como o EU comunicante (EUc), EU enunciador (EUe), TU interpretante (TU<sub>i</sub>) e TU destinatário (TU<sub>d</sub>), respectivamente.

O EU representa o produtor da linguagem, que, de forma esquemática, foi dividido por Charaudeau como EUc e EUe. Esse sujeito falante se dirige a um TU, dividido em destinatário e interpretante. Ambos os protagonistas, o EU ou o TU, partilham, em seu universo discursivo, uma

área de intercessão chamada zona de intercompreensão suposta. Esse espaço é onde ocorre as partilhas e tensões do ato de linguagem. Para demonstrar como acontece o processo de interpretação exposto acima, Charaudeau (2008, p. 44) explica:

O TU não é um simples receptor de mensagem, mas sim um sujeito que constrói uma interpretação em função do ponto de vista que tem sobre as circunstâncias de discurso e, portanto, sobre o EUC (interpretar é sempre um processo para instaurar as intenções do EU). Correlativamente, esse TU-interpretante (TUi) não é o mesmo que o TU-destinatário (TUD) ao qual se dirige o EU. Como consequência, o TUi, ao fazer sua interpretação, reflete o EU com uma imagem diferente daquela que o EU acreditava (queria?) ter.

O autor demonstra que existem duas instâncias que funcionam dentro do ato de linguagem: uma social e outra discursiva. No caso do TU, a instância discursiva é o TUD, já que ele é idealizado pelo EUE, que tem nesse TU o público-alvo que ele gostaria de atingir. Em um editorial jornalístico, por exemplo, que defenda que a crise econômica no Brasil foi impulsionada pela incompetência da gestão do Partido dos Trabalhadores (PT), o EUE-jornalista visualiza um leitor que esteja engajado politicamente e que compactue com essa visão política. Porém, no processo de interpretação, não existe apenas o TUD – sujeito idealizado pelo EU -, mas também o TUi, que representa os leitores que terão acesso ao editorial e que podem constituir diversas interpretações – que dependem de suas experiências pessoais - sobre o jornal: texto de direita, de jornal que tem interesses econômicos contrários à política do governo PT, jornal que quer influenciar os leitores contra o PT, de jornal que retrata a política econômica do país etc.

Visto como funciona o processo de interpretação nos atos de linguagem, passo ao lugar do EU, que se desdobra em EUC e EUE. Aqui também esses dois sujeitos estão divididos nas instâncias sociais e discursivas. Na social, está presente o EUC, responsável por iniciar o processo de produção, que envolve as circunstâncias discursivas e a intencionalidade para comunicar-se com o TU. Então, por exemplo, um jornalista reconhecido nacionalmente pela militância política de esquerda que vá fazer uma palestra em uma universidade, ao entrar no auditório, o EUC aparece sob as formas de: jornalista, maduro, experiente, esquerdista, conhecedor de política etc. Portanto, o EUC é um sujeito que se configura fora do ato de linguagem.

Já o EUE origina-se a partir do ato de linguagem. Para Charaudeau (2008), o EUE representa a imagem de quem fala. Essa fala passa por dois processos: o de produção, ou seja, a intencionalidade desse sujeito enunciador ao falar para alguém – e, nesse caso, o EUC se revela, mas não em sua totalidade - e o de interpretação, que corresponde à imagem que o interlocutor faz dessa

fala a partir da percepção desse sujeito enunciador, levando em conta também o EUc construído por ele. “O EUE (assim como o TUD) é um ser que existe no e pelo ato de produção-interpretação. É esse ato que lhe dá um estatuto exclusivamente linguageiro, independente em parte, do EUc e do TUi” (Charaudeau, 2008, p. 48).

Sobre a relação entre o sujeito comunicante e o enunciador, o autor diz que ela jamais será completamente transparente, pois o comunicante não se revela por inteiro através do enunciador. “O EUE é apenas uma máscara do discurso usada por EUc. É por isso que EUc, consciente desse estado de fato, pode jogar, com finalidades estratégicas, tanto o jogo da transparência entre EUE e EUc, quanto o da ocultação de EUc por EUE” (Charaudeau, 2008, p. 49).

## **COMO O *CORPUS* REVELA AS ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS DO SUJEITO FALANTE**

Leonardo Sakamoto tornou-se referência, no meio jornalístico e acadêmico, na temática sobre direitos humanos ao fundar a ONG Repórter Brasil, que divulga e investiga a presença de trabalho escravo nas cadeias produtivas das empresas do país. No Blog do Sakamoto, hospedado no Portal UOL, o jornalista aborda temas variados de seu interesse. Em seu blog, se apresenta da seguinte forma:

Leonardo Sakamoto é jornalista e doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo. Cobriu conflitos armados em diversos países e o desrespeito aos direitos humanos no Brasil. Professor de Jornalismo na PUC-SP e pesquisador visitante do Departamento de Política da New School, em Nova York, é diretor da ONG Repórter Brasil e conselheiro do Fundo das Nações Unidas para Formas Contemporâneas de Escravidão (Sakamoto, 2010).

A foto que complementa essa descrição mostra um homem aparentemente jovem, com idade entre 35 e 45 anos. A partir desses dados, pode-se perceber a instância social do sujeito comunicante: homem, jovem, jornalista, professor e cientista política, com forte atuação em núcleos que têm na sua gênese a defesa dos direitos humanos. Outra característica que ajuda a moldar esse sujeito comunicante é o fato de o blog estar hospedado em um dos maiores provedores do país, o UOL, e de Sakamoto compor o time de articulistas do UOL com reconhecimento nacional, como José Simão (com conteúdos atuais em tom humorístico/irônico) e Mário Magalhães (com pautas voltadas para o esporte e temas ligados ao Rio de Janeiro). Todos esses blogs ganham ainda mais notoriedade por receberem na página inicial do UOL um texto que convida os internautas a

visitarem os respectivos sítios. Apesar de estarem hospedados em um Portal de Notícias, os blogs aparentemente funcionam de maneira independente, com conteúdos diversos, abordando o ponto de vista dos autores.

Dito isso, passemos para a instância discursiva:

### **Enunciado 1**

**Asserção 1:** *Faz tempo que não sentia tanta vergonha alheia como nos últimos dias.*

**Asserção 2:** *A quantidade de besteira que escorreu em blogs e nas redes sociais como resposta de muitos homens (sic) às mulheres que resolveram não ficarem caladas diante da violência sexual digital contra uma participante de 12 anos do programa Masterchef foi deprimente.*

No enunciado 1, o sujeito enunciativo mostra-se engajado com os direitos das mulheres, demonstrando claramente como os comentários de conotação sexual nas redes sociais sobre Valentina o incomodam. Mas não só isso, o EUE, ao falar sobre o caso, resgata outras situações nas quais as mulheres estão em situação de desigualdade com os homens e, muitas vezes, sofrendo violência doméstica, para estabelecer o seu lugar de fala: jornalista e ativista dos direitos humanos que analisa casos como esse com um viés político – em termos amplos – sobre a realidade que as mulheres vivem no Brasil, apontando sempre o seu posicionamento. Ao fazer isso, Sakamoto se dirige a um TUD, imaginado por ele como um leitor que compactua com as ideias sobre os direitos das mulheres. Porém, o TUI será os leitores com os mais variados perfis, inclusive machistas, que perpetuam essa desigualdade entre os gêneros. Importante perceber que o EUE, mesmo estando coerente com o EUC, ainda assim representa uma máscara do comunicante, pois essa relação nunca é totalmente transparente e é determinada pelo interpretante.

Analisando a asserção 2, observa-se que Sakamoto utiliza “sic” ironizando os homens que fizeram publicações nas redes sociais sobre Valentina. O “sic” é utilizado para indicar algum termo ou palavra errada dentro da frase. A compreensão literal nos levaria a tentar identificar o erro na grafia do léxico “homens”, porém, a ironização comprova-se pelo uso de “homens (sic)” - e, nesse caso, ao usar o léxico “muitos”, ele não se refere a todos os homens, mas aqueles que fizeram discursos machistas e pedófilos nas redes sociais -, porque funciona como uma provocação para os machistas e pedófilos. Não é o léxico “homens” que está com a grafia errada, mas incluir esses homens no gênero masculino. Compreende-se que o uso da ironia é utilizado por Sakamoto para

questionar a realidade.

### **Enunciado 2**

**Asserção 1:** *Neste domingo (25), chorume foi despejado à taxa de vários metros cúbicos por segundo nas redes sociais, quando pessoas revoltadas com o tema da redação do Enem – a persistência da violência contra a mulher no Brasil – demonstraram toda a sua indignação.*

**Asserção 2:** *Para eles, o tema foi “comunista” ou “bolivariano” – provando mais uma vez que, no fundo do poço, tem um alçapão que dá em outro poço.*

Na primeira asserção, Sakamoto faz a utilização de dois dispositivos argumentativos. O primeiro deles refere-se à proposta, na qual ele situa o leitor sobre o assunto que será abordado, ao mesmo tempo, que se posiciona em relação a esse assunto. O segundo dispositivo é a persuasão feita através de um raciocínio que pode ser destinado à refutação, à justificativa ou à ponderação. Na asserção 1, Sakamoto realiza uma refutação em relação à manifestação das pessoas sobre o tema do Enem, que pode ser evidenciada através do léxico “chorume”. Apesar da asserção 1 não apresentar a ironia de modo evidente, é através dela que a ironia da asserção 2 consegue ser compreendida em sua completude.

Na asserção 2, a ironia está registrada através da expressão “no fundo do poço tem um alçapão que dá em outro poço”. A expressão refere-se ao ditado popular que, originalmente, se diz “no fundo do poço sempre tem uma mola”. Geralmente, ele é utilizado para demonstrar que, mesmo diante de adversidades, existem possibilidades de se reerguer. Quando Sakamoto refaz o ditado, ele demonstra, em tom crítico, uma falta de esperança nas pessoas que demonstraram que a temática do Enem em relação à mulher é comunista ou bolivariana.

Analisando os sujeitos da linguagem, o EUE manifesta-se discursivamente a respeito do tema do Enem de 2015. Ao utilizar “chorume” e “fundo do poço tem um alçapão que dá em outro poço”, ele constrói um discurso ativista sobre as questões de gênero. Além disso, utilizando essas expressões, ele se situa exatamente do lado oposto desse pensamento denunciado como equivocado, que acredita que o tema da violência contra a mulher seja esquerdista. Ao fazer essa marcação, Sakamoto estabelece o TUD como sujeito envolvido a favor da discussão de gênero, em âmbito democrático e igualitário. O EU comunicante lhe dá legitimidade para discorrer sobre o tema e ainda apresentar uma visão consonante às questões feministas.

Em termo de argumentação, o jornalista utiliza mais uma vez a tomada de posição. Ao



instituir sua fala em um campo que dá voz à desigualdade entre os gêneros, ele apresenta uma refutação dos discursos misóginos e de ódio propagados principalmente nas redes sociais. Sakamoto propõe um “diálogo educado e embasado com dados, números e fontes confiáveis entre as pessoas conscientes” (Sakamoto, 2015). Portanto, ele desprende-se do senso comum que polariza as ideias e as deixa em extremos opostos para trazer para o debate um discurso abafado, tolhido e sufocado por esses discursos de ódio que fazem mais “barulho”, especialmente nas redes sociais. A argumentação nesse processo é fundamental para Sakamoto racionalizar seu pensamento, operacionalizar as asserções e persuadir o leitor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões de gênero não se encerram nas matérias do Blog do Sakamoto, mas, sem dúvida, quando ele traz esse tema sob um novo enfoque discursivo – diferente das matérias abordadas pelos veículos tradicionais, que seguindo ainda os paradigmas da objetividade e neutralidade tentam alcançar os cerne das questões através da narração – suscita olhares diferenciados para o tema. Naturalmente, ele não é o único a discutir questões contemporâneas mostrando o seu ponto de vista, mas a singularidade do conteúdo de Sakamoto reside exatamente no percurso profissional e pessoal que ele traçou para legitimar o discurso atual.

Criar na internet um espaço no qual são discutidos os direitos de minorias e questionado os oligopólios comunicativos, a hegemonia e a resistência, fazem do Blog do Sakamoto uma mídia que aborda parte da realidade social e argumenta sobre as problemáticas que acontecem nessa realidade. Em seu processo de conscientização, Sakamoto enfatiza a importância de evocar a capacidade reflexiva de seu leitor e rejeita os discursos reproduzidos e homogêneos dos meios tradicionais. Dessa forma, ele apresenta seu posicionamento político em relação às questões que tocam as mulheres. Em tempos de redes sociais, sujeitos encontram no ambiente virtual o meio propício para propagar seus discursos machistas, preconceituosos e misóginos. A rede trouxe a falsa impressão da ocultação de identidades, o que permite o encorajamento desses sujeitos para expressar comentários de cunho depreciativo. Quando se tem um acontecimento que traz a mulher para o centro da discussão, como no caso de Valetina e do tema do Enem, esses mesmos sujeitos fazem “barulho” nas redes sociais.



Demonstra-se, assim, que a ironia é percebida na contradição dos valores argumentativos dos sujeitos interpretantes. Com isso, Sakamoto, assim como outros veículos que fazem parte da mídia radical alternativa, faz frente às mídias corporativas, na medida em que busca dar maior complexidade e heterogeneidade ao cenário público de debates.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUTHIER-REVUS, Jacqueline. **Heterogeneidade (s) enunciativa (s)**. Trad. Celen Cruz e João W. Geraldini. Caderno de Estudos Linguísticos, Campinas, n. 19, p. 25-42, jul/dez. 1990.
- CASTRO, Maria Lilia Dias de. A Dialogia e os efeitos de sentidos irônicos. In: BRAIT, Beth. (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Coordenação de equipe de tradução, Ângela S. M. Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2008
- \_\_\_\_\_. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, S. (Org.). **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 11-27, 2005.
- DOWNING, John D.H. **Mídia Radical, Rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Senac, 2002
- DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. In: Sírío Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva (Org.). São Paulo: Parábola, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Trad. Freda Indursky. Campinas, 2.ed., 1993.
- PASSETTI, Maria Célia Cortez. O discurso irônico em textos opinativos da Folha de S.Paulo. In: VASCONCELOS, Silvia Inês Coneglian Carrilho de. (org.). **Os discursos jornalísticos: manchete, reportagem, classificados & artigo**. Itajaí-SC, Maringá-PR: Univali, 1999.
- SAKAMOTO, Leonardo. Liberta-se do papel de macho idiota ou ser vetor do sofrimento alheio? Disponível em <<http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2015/10/24/libertar-se-do-papel-de-macho-idiota-ou-ser-vetor-do-sofrimento-alheio/>>. Acesso em: 03 de novembro de 2015.
- \_\_\_\_\_. Enem: Tem vergonha de fazer cocô em público. Mas aceita violência de gênero. Disponível em <<http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2015/10/26/enem-tem-vergonha-de-fazer-coco-em-publico-mas-aceita-violencia-de-genero/>>. Acesso em: 03 de novembro de 2015
- ZOLIN, Lucia



Osana. Crítica Feminista. In: BONICCI, Thomas & ZOLIN, Lucia Osana. *Teoria literária: abordagens histórias e tendências contemporâneas*. 2. ed. Maringá: EDUEM, 2005.